

CULTIVANDO SAÚDE: O POTENCIAL DAS HORTAS COMUNITÁRIAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

CULTIVATING HEALTH: THE POTENTIAL OF COMMUNITY GARDENS IN PRIMARY HEALTH CARE

CULTIVAR LA SALUD: EL POTENCIAL DE LOS HUERTOS COMUNITARIOS EN LA ATENCIÓN PRIMARIA DE SALUD

Simone Romão da Silva¹

Alyne de Souza Dias²

Amanda Carlyne de Souza Dias³

Amanda Lopes de Oliveira⁴

Mariana Medeiros Mota Tassarolo⁵

Ewerton Naves Dias⁶

RESUMO: **Introdução:** Em meio aos desafios contemporâneos relacionados à saúde e a alimentação, as hortas comunitárias emergem como peças-chave na Atenção Primária à Saúde, desempenhando um papel essencial no fortalecimento da segurança alimentar e nutricional, e, por conseguinte, contribuindo significativamente para a promoção da saúde e de ambientes mais saudáveis nas comunidades. **Objetivo:** identificar as principais evidências disponíveis na literatura sobre o papel das hortas comunitárias na Atenção Primária à Saúde. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura realizada nas bases de dados da Biblioteca Virtual da Saúde, PubMed e Google Acadêmico. **Resultado:** a amostra final contou com 22 estudos. Em síntese os estudos destacam que as hortas comunitárias emergem como uma estratégia multifacetada e vital, contribuindo significativamente para a Promoção e Educação em Saúde, a Prevenção de Doenças, o uso terapêutico por meio do cultivo de plantas medicinais, a geração de renda e a fomentação da socialização comunitária. **Conclusão:** As hortas comunitárias se destacam como espaços versáteis capazes de aprimorar a qualidade de vida das comunidades, transcendendo a mera produção de alimentos e emergindo como uma estratégia multifacetada para promover a saúde, prevenir doenças, preservar práticas tradicionais, impulsionar oportunidades econômicas e fortalecer o tecido social.

3307

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde. Hortas Comunitárias.

¹Acadêmica de Enfermagem na Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, Brasil.

²Acadêmica de Psicologia na Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo, Brasil.

³Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, Brasil.

⁴Mestranda em Enfermagem pela Universidade de Guarulhos, São Paulo, Brasil.

⁵Mestranda em Psicogerontologia pela Faculdades Educative, São Paulo, Brasil.

⁶PhD. em Psicologia pela Universidade do Porto, Portugal. Docente nas Universidades de Mogi das Cruzes e de Guarulhos, São Paulo, Brasil.

ABSTRACT: Introduction: Amid contemporary challenges related to health and nutrition, community gardens emerge as key components in Primary Health Care, playing an essential role in strengthening food security and nutrition. Consequently, they significantly contribute to promoting health and fostering healthier environments in communities. **Objective:** To identify the main evidence available in the literature regarding the role of community gardens in Primary Health Care. **Method:** This is an integrative literature review conducted using the databases of the Virtual Health Library, PubMed, and Google Scholar. **Results:** The final sample comprised 22 studies. In summary, the studies emphasize that community gardens emerge as a multifaceted and vital strategy, contributing significantly to Health Promotion and Education, Disease Prevention, therapeutic use through the cultivation of medicinal plants, income generation, and the promotion of community socialization. **Conclusion:** Community gardens stand out as versatile spaces capable of enhancing the quality of life in communities, going beyond mere food production and emerging as a multifaceted strategy to promote health, prevent diseases, preserve traditional practices, boost economic opportunities, and strengthen social fabric.

Keywords: Primary Health Care. Community Gardens.

RESUMEN: Introducción: En medio de los desafíos contemporáneos relacionados con la salud y la alimentación, los huertos comunitarios emergen como piezas clave en la Atención Primaria de Salud, desempeñando un papel esencial en el fortalecimiento de la seguridad alimentaria y nutricional, y, por tanto, contribuyendo significativamente a la promoción de la salud y ambientes más saludables en las comunidades. **Objetivo:** identificar las principales evidencias disponibles en la literatura sobre el papel de los huertos comunitarios en la Atención Primaria de Salud. **Método:** Se trata de una revisión integrativa de la literatura realizada en las bases de datos Biblioteca Virtual en Salud, PubMed y Google Scholar. **Resultado:** la muestra final incluyó 22 estudios. En resumen, los estudios destacan que los jardines comunitarios emergen como una estrategia multifacética y vital, contribuyendo significativamente a la Promoción y Educación de la Salud, la Prevención de Enfermedades, el uso terapéutico a través del cultivo de plantas medicinales, la generación de ingresos y el desarrollo de la socialización comunitaria. **Conclusión:** Los jardines comunitarios se mantienen firmes se perfilan como espacios versátiles capaces de mejorar la calidad de vida de las comunidades, trascendiendo la mera producción de alimentos y emergiendo como una estrategia multifacética para promover la salud, prevenir enfermedades, preservar prácticas tradicionales, impulsar oportunidades económicas y fortalecer el tejido social.

3308

Palabras clave: Atención Primaria de Salud. Huertos Comunitarios.

INTRODUÇÃO

A má alimentação é reconhecida como um dos principais fatores de risco associados à carga global de doenças em todo o mundo (AFSHIN; *et al*, 2019). A prevalência de dietas inadequadas, caracterizadas por um alto consumo de alimentos processados, ricos em açúcares e gorduras saturadas, tem contribuído para o aumento das doenças crônicas não transmissíveis, como diabetes, doenças cardiovasculares e obesidade (MICHA; *et al*, 2017). Esses problemas de saúde representam um desafio significativo para os sistemas de saúde

em todo o mundo, exigindo intervenções eficazes para reverter essa tendência prejudicial à saúde das pessoas.

Diante desse contexto, a Declaração de Alma-Ata, em 1978, reafirmou a saúde como um direito humano, destacando a atenção primária à saúde (APS) como uma via para alcançar um nível aceitável de saúde para todos. Essa declaração incorporou a dimensão alimentar e nutricional como parte integral dos cuidados primários em saúde, sublinhando a interligação entre o direito humano à alimentação adequada e o direito à saúde, considerando-o um requisito fundamental para a garantia de condições de vida dignas e a promoção da saúde (BOTELHO; *et al*, 2017).

Assim sendo, a Atenção Primária à Saúde passou a ter um papel essencial na promoção da saúde alimentar e nutricional das populações (MACINKO; *et al*, 2017). Por meio da Atenção Primária à Saúde, é possível implementar ações preventivas, identificar fatores de risco e fornecer intervenções precoces, contribuindo para fomentar hábitos alimentares saudáveis (STARFIELD; SHI; MACINK, 2005).

No cenário brasileiro, uma das medidas adotadas na Atenção Primária à Saúde foi a implementação do projeto "Hortas Comunitárias" pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), vinculado ao Programa Fome Zero em 2003. Esse projeto visa ampliar o acesso a alimentos para grupos em situação de vulnerabilidade econômica, por meio da aplicação de técnicas agroecológicas e da gestão associativa. Os recursos necessários incluem infraestrutura, suporte gerencial e financiamento proveniente de transferências voluntárias não reembolsáveis da União (BRASIL, 2006).

Em síntese, as hortas comunitárias são definidas como áreas localizadas em parques, praças ou espaços ociosos urbanos, onde ocorre o cultivo de plantas alimentícias e/ou medicinais (SANTOS; *et al*, 2019). Essas hortas desempenham um papel fundamental no fortalecimento da segurança alimentar e nutricional, na promoção da nutrição e saúde nas comunidades, contribuindo para um ambiente mais saudável. Consequentemente, as hortas comunitárias surgem como uma ferramenta valiosa na promoção de hábitos e comportamentos alimentares saudáveis (CARNEY; *et al*, 2012).

Nesse sentido, à medida que as comunidades enfrentam a crescente necessidade de melhorar a qualidade de suas dietas e adotar práticas alimentares mais equilibradas, as hortas comunitárias têm ganhado destaque como uma estratégia que pode contribuir significativamente para essa mudança. Estas hortas, frequentemente cultivadas em áreas urbanas e rurais acessíveis à comunidade, oferecem uma oportunidade única para o cultivo

de alimentos frescos, ricos em nutrientes, e o envolvimento ativo dos residentes na produção de sua própria comida.

Para mais, as hortas comunitárias também têm o potencial de enfrentar desafios complexos, como a insegurança alimentar e a falta de acesso a alimentos frescos em áreas urbanas e rurais (ALAIMO; *et al*, 2008). Esses espaços proporcionam uma fonte confiável de produtos frescos para famílias que de outra forma poderiam depender de alimentos processados e de baixo valor nutricional. A promoção de alimentos locais e sazonais através de hortas comunitárias pode contribuir para a diversificação da dieta e a melhoria da segurança alimentar em áreas onde o acesso a alimentos de qualidade é limitado.

Além de fornecer alimentos saudáveis, as hortas comunitárias têm o potencial de desencadear uma série de benefícios adicionais, que vão desde o fortalecimento do senso de comunidade e conexão social (LITT; *et al*, 2011), até a promoção da atividade física e o desenvolvimento de habilidades de agricultura e culinária (GARCIA; *et al*, 2018). O cultivo de frutas e vegetais frescos em um ambiente comunitário não apenas contribui para uma alimentação mais equilibrada, mas também aumenta a conscientização sobre a importância de uma dieta saudável e sustentável.

No entanto, apesar do crescente interesse e entusiasmo em torno das hortas comunitárias, é importante reconhecer que existem desafios a serem superados, como a sustentabilidade a longo prazo e a participação comunitária contínua (CARNEY; *et al*, 2012). Algumas comunidades podem enfrentar obstáculos, como a falta de espaço, recursos financeiros limitados e conhecimento insuficiente sobre agricultura.

Assim, na medida em que a sociedade enfrenta os desafios contínuos relacionados à má alimentação e ao aumento das doenças relacionadas à dieta, a promoção de comportamentos alimentares saudáveis torna-se uma prioridade crucial para os sistemas de saúde e as políticas públicas (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2003). À vista disso, as hortas comunitárias oferecem uma solução acessível e de baixo custo para abordar essa questão, tornando-se uma estratégia atrativa para governos, organizações sem fins lucrativos e comunidades locais.

Em virtude disso, pode-se inferir que as hortas comunitárias representam uma abordagem promissora para combater a má alimentação e promover hábitos alimentares saudáveis, contribuindo para a redução da carga global de doenças relacionadas à dieta. Esta pesquisa de revisão de literatura buscará consolidar o conhecimento atual sobre o impacto das hortas comunitárias na promoção da saúde, destacando suas implicações para a saúde

pública, a educação alimentar e a sustentabilidade ambiental. Ao fazê-lo, esperamos oferecer insights valiosos que possam informar políticas e práticas voltadas para a promoção de uma alimentação saudável e comunidades mais resilientes no contexto contemporâneo.

Desse modo, esta pesquisa de revisão de literatura tem como objetivo identificar as principais evidências disponíveis sobre as hortas comunitárias na Atenção Primária à Saúde. Ao fazê-lo, esperamos fornecer uma visão abrangente e atualizada sobre o potencial das hortas comunitárias como uma estratégia eficaz para enfrentar os desafios relacionados à má alimentação e, assim, contribuir para a promoção de comunidades mais saudáveis e resilientes.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura abrangendo a análise das pesquisas já realizadas sobre o assunto, sobretudo as principais conclusões encontradas no corpus da literatura sobre o fenômeno estudado, dessa forma, se tornam possível identificar as lacunas, bem como suas questões centrais, apontar marcos teóricos e conceituais e se há necessidade de futuras pesquisas. A metodologia aplicada seguiu um processo de análise sistemático e sumarizado da literatura composta por seis fases, sendo elas: 1) identificação do tema e seleção da questão de pesquisa, 2) estabelecimento de critério de inclusão e exclusão, 3) identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados, 4) categorização dos estudos selecionados, 5) Análise e interpretação dos resultados e 6) apresentação da revisão/síntese do conhecimento (GRANT; BOOTH, 2009).

As bases de dados determinadas foram: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), PubMed e Google Acadêmico. Os descritores utilizados para a busca dos artigos: Hortas Comunitária, Atenção Primária à Saúde no idioma português e inglês. Os critérios de inclusão e exclusão foram: Artigos disponíveis na íntegra que abordassem o tema Hortas comunitárias e Atenção Primária à Saúde. Na sequência, a partir dos achados na literatura, foi realizado as análises, interpretação e discussão dos estudos selecionados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Depois de realizar a pesquisa nas bases de dados da Biblioteca Virtual da Saúde, Pubmed e Google Acadêmico, foram escolhidos 22 estudos. No Quadro 1, estão disponíveis as principais informações desses estudos, seguidas pela síntese dos conhecimentos descritos neles.

Quadro 1 – Caracterização dos estudos quanto aos autores, título do estudo e ano de publicação.

Autor (es)	Títulos dos Estudos	Ano
Alves et al.	Identificação de hortas comunitárias, caracterização das plantas medicinais cultivadas e do acesso a esses espaços no município de Alfenas, Minas Gerais.	2023
Nasr et al.	Hortas Comunitárias nas Unidades de Saúde de São José dos Campos	2022
Danilevicz et al.	Semeaduras: uma cartografia na atenção primária em saúde	2020
Pereira Lemos	Intervenção social em saúde educativa por meio de horta comunitária urbana em Paragominas – Pará	2020
Santos et al.	Agricultura Urbana e Periurbana: Segurança Alimentar e Nutricional, comportamento alimentar e transformações sociais em uma horta comunitária	2020
Kuo et al.	Do Lessons in Nature Boost Subsequent Classroom Engagement?	2018
Sallis et al.	Physical activity in relation to urban environments in 14 cities worldwide: a cross-sectional study	2016
Sonnino	The new geography of food security	2016
Costa et al.	Hortas comunitárias como atividade promotora de saúde: uma experiência em Unidades Básicas de Saúde	2015
Gratão et al.	Análise situacional das hortas comunitárias do município de Palmas, Tocantins, Brasil: uma visão etnofarmacológica.	2015
El Amri et al.	Ethnobotanical study of medicinal plants in the region El Hajeb (central Morocco).	2014
Algert et al.	Vegetable output and cost savings of community gardens in San Jose, California	2014
Maroyi	Traditional use of medicinal plants in south-central Zimbabwe: Review and perspectives.	2013
Guitart	Past results and future directions in urban community gardens research.	2012
Moteiro et al.	Increasing consumption of ultra-processed foods and likely impact on human health: evidence from Brazil.	2011
Kortright et al.	Edible backyards: A qualitative study of household food growing and its contributions to food security	2011
Sommerfeld et al.	Growing Minds: Evaluating the Effect of Gardening on Quality of Life and Physical Activity Level of Older Adults	2010
Wakefield et al.	Growing urban health: community gardening in South-East Toronto	2007
Ozer	The effects of school gardens on students and schools: conceptualization and considerations for maximizing healthy development	2007
Yotti et al	'Dig In' to Social Capital: Community Gardens as Mechanisms for Growing Urban Social Connectedness	2006
Twiss et al	Community gardens: lessons learned from California Healthy Cities and Communities.	2003
Armstrong	A survey of community gardens in upstate New York: implications for health promotion and community development.	2000

3312

De modo geral observou-se que os estudos selecionados, destacam que as hortas comunitárias emergem como uma estratégia multifacetada e vital, contribuindo significativamente para a “Promoção e Educação em Saúde”, para a “Prevenção de Doenças”, para o “Uso terapêutico por meio do cultivo de plantas medicinais”, para a “Geração de renda” e para a “Fomentação da socialização comunitária”.

As hortas comunitárias emergem como uma estratégia inovadora e eficaz na promoção da saúde, proporcionando não apenas acesso a alimentos frescos e saudáveis, mas também estimulando práticas sustentáveis de cultivo (SOMMERFELD; WALICZEK; ZAJICEK, 2010). A implementação de hortas comunitárias pode contribuir para a segurança alimentar, especialmente em áreas urbanas onde o acesso a alimentos frescos pode ser limitado (WAKEFIELD; *et al*, 2010). Esses espaços oferecem uma alternativa sustentável, permitindo que os membros da comunidade cultivem seus próprios alimentos, reduzindo a dependência de fontes externas e promovendo a autossuficiência alimentar (LITT; *et al*, 2011). Além disso, as hortas comunitárias têm potencial para melhorar a saúde mental, proporcionando um ambiente ao ar livre para atividades físicas, reduzindo o estresse e promovendo uma maior conectividade com a natureza.

Ao promover a diversidade de cultivos, as hortas comunitárias também contribuem para a melhoria da variedade nutricional na dieta da comunidade, oferecendo uma ampla gama de alimentos ricos em nutrientes (KUO; BROWNING; PENNER, 2017). Isso é particularmente significativo para combater problemas de saúde relacionados à má alimentação e deficiências nutricionais. Em suma, as hortas comunitárias não apenas oferecem acesso direto a alimentos saudáveis, mas também desempenham um papel vital na promoção da saúde ao fortalecer comunidades, proporcionar oportunidades educacionais e fomentar práticas agrícolas sustentáveis.

3313

Estudo sobre uma experiência de hortas comunitárias como atividade promotora de saúde em Unidades Básicas de Saúde (UBS) indicaram que a prática das hortas comunitárias pode contribuir para a criação de ambientes saudáveis e o estímulo à autonomia e empoderamento das comunidades. Em geral, este estudo apresenta uma experiência interessante e inovadora de promoção da saúde por meio de atividades comunitárias, mostrando a importância da participação ativa das comunidades na construção de ambientes saudáveis e na promoção da saúde (COSTA; *et al*, 2015).

Uma outra pesquisa, referente a criação de uma horta comunitária em uma Unidade de Saúde da Família indicaram que a criação da horta comunitária nesse espaço teve efeitos positivos na saúde dos participantes, como a redução do estresse e da ansiedade, além de promover a construção de vínculos entre os trabalhadores de saúde e os usuários do serviço. Além disso, a criação da horta permitiu o resgate de saberes locais e a construção de novos modos de relação com o ambiente e com a alimentação. Em resumo, o estudo apresenta uma abordagem inovadora e sensível para a promoção da saúde mental e o cuidado em saúde na

atenção primária, utilizando a criação de uma horta comunitária como dispositivo terapêutico e micropolítico (DANILEVICZ, 2020).

Já um levantamento situacional realizado sobre as hortas comunitárias do município de Palmas, Tocantins, a fim de verificar as condições de manejo e cultivo de hortaliças e plantas medicinais, mostraram que, 60% das hortas não possuíam rede de esgoto e mais de 40% utilizavam adubo de origem bovina. Além disso, apenas 3,8% dos produtos cultivados eram destinados para consumo próprio dos beneficiários. Além disso, 97% das hortas faziam uso de defensores agrícolas, o que pode indicar uma preocupação com a saúde das plantas. Os autores concluem, que apesar de ter alcançado seu objetivo em parte, o estudo apontou a falta de apoio e orientação aos beneficiários pelos profissionais da saúde, além de apoio governamental, a fim de promover melhor qualidade na alimentação e disponibilizar uma terapêutica alternativa mais acessível através das plantas medicinais (GRATÃO; *et al*, 2015).

Nota-se diante dos achados do respectivo estudo que, embora haja um reconhecimento da importância das plantas medicinais para a saúde, a efetivação desse conhecimento enfrenta barreiras significativas, incluindo a falta de suporte tanto dos profissionais de saúde quanto do governo. Essas questões precisam ser abordadas para garantir uma implementação bem-sucedida de práticas que promovam a saúde por meio dessa estratégia.

Os estudos destacam também, que as hortas comunitárias desempenham também um papel crucial na promoção da educação em saúde, proporcionando um ambiente prático e acessível para aprender sobre nutrição e práticas agrícolas sustentáveis (WAKEFIELD; *et al*, 2007). Esses espaços oferecem oportunidades para workshops educacionais, demonstrações práticas e discussões sobre escolhas alimentares saudáveis (ARMSTRONG, 2000).

Desse modo, ao integrar as hortas comunitárias em programas educacionais formais e informais, as comunidades podem fortalecer a conscientização sobre a importância da alimentação balanceada e do cultivo sustentável de alimentos (ALGERT; BAAMEUR; RENVALL, 2014). Essa abordagem prática contribui para a aprendizagem experiencial e a retenção de conhecimentos sobre o respectivo tema. A participação em atividades de plantio, cultivo e colheita nas hortas comunitárias oferece às comunidades a oportunidade de aprender sobre a sazonalidade dos alimentos, a diversidade de culturas agrícolas e as práticas agrícolas sustentáveis (SONNINO, 2016). Essa educação prática é valiosa para a promoção de escolhas alimentares informadas.

Além disso, as hortas comunitárias podem servir como laboratórios vivos para abordar questões de segurança alimentar, desde a manipulação adequada de alimentos até a prevenção de contaminação e práticas de cultivo seguro (ARMSTRONG, 2000). Essas lições práticas contribuem para a construção de habilidades que impactam positivamente a saúde da comunidade. O envolvimento em hortas comunitárias também pode ser uma ferramenta eficaz para abordar questões de saúde específicas, como a promoção de dietas saudáveis para prevenir doenças crônicas (ALAIMO; *et al*, 2008). Logo, a educação baseada em hortas comunitárias complementa intervenções de saúde pública e promove mudanças sustentáveis nos comportamentos alimentares. Portanto, ao integrar a educação em saúde nas atividades das hortas comunitárias, as comunidades podem capacitar os seus membros a tomar decisões corretas sobre alimentação e a promover estilos de vida saudáveis.

Estudo desenvolvido em uma comunidade urbana no Pará, apresentou uma prática de intervenção social em saúde educativa por meio de uma horta comunitária. A experiência teve como objetivo desenvolver boas práticas de alimentação saudável como condição de saúde e bem-estar. Os resultados e discussões mostram que a pesquisa possibilitou o engajamento dos sujeitos na realização de boas práticas de plantio, manejo, colheita, cuidados na pós-colheita e confecção de alimentos utilizados no cotidiano, a fim de proporcionar o consumo consciente, com o máximo de aproveitamento dos nutrientes, por meio do uso do que, muitas vezes, era desperdiçado (PEREIRA, 2020).

A referida pesquisa permitiu a construção de conhecimento e a adoção de boas práticas de alimentação saudável, contribuindo para a qualidade de vida das famílias envolvidas (PEREIRA, 2020). Como observado as hortas comunitárias não apenas servem como espaços de produção, mas também de convívio e aprendizagem, com potencial sociocultural e melhoria da qualidade de vida (NASR; *et al*, 2022).

Outra vertente importante que as hortas comunitárias desempenham é na prevenção de doenças, proporcionando acesso a alimentos frescos e saudáveis (SOMMERFELD; WALICZEK; ZAJICEK, 2010). Esses espaços são fundamentais para promover a disponibilidade de produtos agrícolas ricos em nutrientes, contribuindo assim para uma dieta equilibrada e variada (LITT; *et al*, 2011). Ao oferecer uma alternativa sustentável para o cultivo de alimentos, as hortas comunitárias reduzem a dependência de alimentos processados e ultraprocessados, que estão associados a um maior risco do surgimento de doenças (MONTEIRO; *et al*, 2011). Esse aspecto é particularmente relevante, considerando a influência da dieta na prevenção de condições como diabetes e doenças cardiovasculares.

A promoção do consumo de frutas, legumes e verduras provenientes das hortas comunitárias pode contribuir para a redução do consumo de alimentos com alto teor de sal, açúcar e gorduras saturadas, fatores de risco conhecidos para o surgimento das doenças crônicas não transmissíveis (AFSHIN; *et al*, 2019). Essa mudança na composição da dieta tem implicações positivas na prevenção e controle de condições crônicas. Além disso, a prática da agricultura comunitária pode envolver a população em atividades físicas regulares, auxiliando na prevenção da obesidade, uma condição associada a várias doenças (SALLIS; *et al*, 2016). Portanto, ao considerar os benefícios nutricionais, a redução da dependência de alimentos processados e a promoção de estilos de vida ativos e saudáveis, as hortas comunitárias desempenham um papel importante na prevenção de doenças crônicas não transmissíveis (OZER, 2007).

Outro papel relevante que as hortas comunitárias desempenham é na promoção do uso de plantas medicinais, proporcionando um ambiente propício para o cultivo e acesso a essas espécies. Esses espaços oferecem a oportunidade de plantar e colher plantas medicinais de forma sustentável, contribuindo para a preservação da biodiversidade e promovendo a consciência sobre a importância dessas plantas na medicina (MAROYI, 2013). Por isso, a inclusão de plantas medicinais nas hortas comunitárias pode ser uma estratégia eficaz para educar a comunidade sobre os benefícios terapêuticos dessas plantas, incentivando seu uso adequado.

O cultivo de plantas medicinais em hortas comunitárias pode ainda estimular a pesquisa e a documentação local sobre as propriedades medicinais dessas plantas, valorizando e preservando a sabedoria tradicional da comunidade. Essa documentação é fundamental para garantir a continuidade e a disseminação do conhecimento sobre tais plantas. Além disso, ao integrar plantas medicinais nas hortas comunitárias, é possível criar um ambiente inclusivo que respeita práticas, normas e valores culturais relacionados ao uso dessas plantas (EL AMRI; *et al*, 2013). Essa abordagem culturalmente sensível fortalece a aceitação e a eficácia do uso de plantas medicinais na comunidade. Sendo assim, as hortas comunitárias não apenas oferecem acesso a plantas medicinais, mas também desempenham um papel crucial na promoção do conhecimento, preservação da tradição e respeito à cultura no contexto do uso de plantas medicinais.

Em um estudo descritivo sobre a existência de hortas comunitárias na região urbana de uma cidade de Minas Gerais e o cultivo de plantas medicinais nesses locais. Foram identificadas apenas duas hortas em escolas e duas em Unidades Básicas de Saúde, o que é

considerado um número baixo em relação ao potencial do município para ampliar esses espaços. Os autores destacam a importância das hortas comunitárias para ampliar o arsenal terapêutico destinado aos cuidados em saúde e a desmedicamentação, além de promover o envolvimento da comunidade no cultivo e consumo de plantas medicinais (ALVES; *et al*, 2023).

Vale destacar também que as hortas comunitárias podem apresentar potencial para beneficiar as comunidades como fonte de renda, criando oportunidades econômicas sustentáveis (GUITART; BYRNE; PICKERING, 2003). O cultivo e venda de produtos hortícolas provenientes dessas hortas podem gerar uma fonte adicional de renda para os participantes, contribuindo para o desenvolvimento financeiro local (SONNINO, 2016). A comercialização de produtos cultivados em hortas comunitárias pode ocorrer em mercados locais, feiras e através de programas de venda direta ao consumidor, permitindo que a comunidade alcance um público mais amplo e diversificado. Essa diversificação das fontes de receita é essencial para aumentar a resiliência econômica da comunidade.

A criação de cooperativas ou iniciativas empresariais centradas em torno das hortas comunitárias pode potencializar ainda mais o impacto econômico, permitindo que os participantes compartilhem recursos, experiências e receitas de forma colaborativa. Essa abordagem coletiva fortalece o empreendedorismo local e promove a sustentabilidade econômica a longo prazo. Além disso, as hortas comunitárias podem servir como espaços de aprendizado e treinamento em habilidades agrícolas, gestão de negócios e marketing, capacitando os membros da comunidade para melhor gerenciar suas atividades e otimizar seus lucros (WAKEFIELD; *et al*, 2007). Essa capacitação contribui para o desenvolvimento socioeconômico das comunidades envolvidas. Portanto, ao abordar as hortas comunitárias como fonte de renda, as comunidades podem não apenas promover a segurança alimentar, mas também estimular o desenvolvimento econômico local de maneira sustentável e inclusiva.

Vale destacar ainda, que as hortas comunitárias desempenham um papel importante na melhoria da coesão social e na construção de comunidades mais resilientes (TWISS; *et al*, 2003). Esses espaços proporcionam oportunidades para a interação social, promovendo a formação de laços e relações interpessoais entre os membros da comunidade (KORTRIGHT; WAKEFIELD, 2011). A participação em atividades de horticultura comunitária pode fortalecer o senso de pertencimento e identidade local, proporcionando um espaço compartilhado onde os moradores se encontram, trabalham juntos e

compartilham experiências (KINGSLEY; TOWNSEND, 2006). Essa interação social contribui para o desenvolvimento de uma rede de apoio social, essencial para enfrentar desafios comuns. Ao criar espaços inclusivos e promover a colaboração, as hortas comunitárias podem desempenhar um papel transformador na construção de comunidades socialmente mais coesas, resilientes e sustentáveis.

Enfim, pode-se inferir pelos levantamentos realizados por meios dos estudos que a horta comunitária, emerge, portanto, como uma estratégia importante na Atenção Primária à Saúde, para fomentar a promoção da saúde e uma alimentação adequada e saudável, exercendo uma influência positiva nos hábitos alimentares da comunidade. O contato direto com o cultivo e colheita dos alimentos gera um sentimento de valorização e cuidado, refletindo nas práticas alimentares do dia a dia. Simultaneamente, ela resgata discussões cruciais sobre a origem dos alimentos, o papel da terra, a cozinha e a mesa. Assim sendo, as atividades desenvolvidas na horta desempenham um papel essencial no fortalecimento e construção da autonomia, promovendo o empoderamento social e contribuindo para a cidadania (SANTOS; MACHADO, 2020).

CONCLUSÃO

3318

Diante da discussão abrangente sobre o papel das hortas comunitárias, fica evidente que esses espaços não são meramente terrenos cultivados, mas sim agentes transformadores que permeiam diversas esferas da vida comunitária. Ao integrar aspectos de Promoção e Educação em Saúde, Prevenção de Doenças, uso terapêutico de plantas medicinais, geração de renda e fortalecimento da coesão social, as hortas comunitárias se destacam como uma abordagem holística para melhorar a saúde e qualidade de vida das comunidades.

A relação intrínseca entre as hortas comunitárias e a Promoção da Saúde é evidente na sua capacidade de proporcionar acesso a alimentos frescos e saudáveis, promover práticas agrícolas sustentáveis e fomentar estilos de vida ativos. A integração desses espaços na Atenção Primária à Saúde potencializa a identificação precoce de fatores de risco, permitindo intervenções direcionadas para a promoção de hábitos alimentares saudáveis.

No contexto da Prevenção de Doenças, as hortas comunitárias emergem como uma estratégia relevante, atuando na redução do consumo de alimentos processados e ultraprocessados associados a doenças crônicas não transmissíveis. O estímulo ao consumo de frutas, legumes e verduras provenientes dessas hortas contribui para a promoção de dietas

equilibradas, impactando positivamente na prevenção de condições como diabetes e doenças cardiovasculares.

Já o uso terapêutico de plantas medicinais, integrado nas hortas comunitárias, não apenas oferece acesso a essas espécies, mas também preserva saberes tradicionais, promove a consciência sobre a medicina natural e fortalece a conexão cultural da comunidade com o ambiente local, favorecendo também a desmedicamentação.

Além de seus benefícios para a saúde, destaca-se que as hortas comunitárias podem desempenhar também papel relevante como fonte de renda sustentável. A comercialização dos produtos cultivados não apenas gera recursos financeiros para os participantes, mas também contribui para o desenvolvimento econômico local, promovendo a autonomia e a resiliência das comunidades.

Outra questão destacada diz respeito a coesão social, que fortalecida pelas interações proporcionadas nas hortas comunitárias, é uma peça fundamental na construção de comunidades resilientes. Ao criar espaços inclusivos, essas hortas promovem a formação de laços interpessoais, fortalecendo o senso de pertencimento e identidade local.

Em suma, pode-se inferir que as hortas comunitárias se apresentam como uma abordagem versátil e integrada, capaz de abraçar múltiplos aspectos do bem-estar comunitário. Seu potencial transcende a produção de alimentos, refletindo-se em uma estratégia eficaz para promover a saúde, prevenir doenças, preservar práticas tradicionais, criar oportunidades econômicas e fortalecer o tecido social das comunidades.

REFERÊNCIAS

1. AFSHIN, A. et al. Health effects of dietary risks in 195 countries, 1990–2017: A systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2017. *The Lancet*, 393(10184), p. 1958-1972, 2019. DOI: 10.1016/S0140-6736(19)30041-8.
2. ALAIMO, K. et al. Fruit and vegetable intake among urban community gardeners. *Journal of nutrition education and behavior*, 40(2), p. 94–101, 2008. DOI: 10.1016/j.jneb.2006.12.003.
3. ALGERT, S. J.; BAAMEUR, A.; RENVALL, M. J. Vegetable output and cost savings of community gardens in San Jose, California. *Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics*, 114(7), p. 1072–1076, 2014. DOI: 10.1016/j.jand.2014.02.030.
4. ALVES, M. C. et al. Identificação de hortas comunitárias, caracterização das plantas medicinais cultivadas e do acesso a esses espaços no município de Alfenas, Minas Gerais. *Brazilian Journal of Health and Pharmacy*, 5(1), p. 1-10, 2023. DOI: 10.29327/226760.5.1-1.

5. ARMSTRONG, D. A survey of community gardens in upstate New York: implications for health promotion and community development. *Health & place*, 6(4), p. 319-327, 2000. DOI: 10.1016/S1353-8292(00)00013-7.
6. BOTELHO, B. O. Extensão Popular: debatendo autonomia e participação em hortas urbanas no PINAB/UFPB. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, 2017.
7. BRASIL. Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz. Avaliação do projeto Hortas Comunitárias. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Brasília, 2006.
8. CARNEY, P. A. et al. Impact of a community gardening project on vegetable intake, food security and family relationships: a community-based participatory research study. *Journal of community health*, 37(4), p. 874-881, 2012. DOI: 10.1007/s10900-011-9522-z.
9. COSTA, C. G. A. et al. Hortas comunitárias como atividade promotora de saúde: uma experiência em Unidades Básicas de Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(10), p. 3099-3110, 2015. DOI: 10.1590/1413-812320152010.00352015.
10. DANILEVICZ, V. M. Semeaduras: uma cartografia na atenção primária em saúde. *Psicologia & Sociedade*, 32, e218672, 2020. DOI: 10.1590/1807-0310/2020v32218672.
11. EL AMRI, J. et al. Ethnobotanical study of medicinal plants in the region El Hajeb (central Morocco). *Journal of Research in Biology*, 4(8), p. 1568-1580, 2014.
12. GARCIA, M. T. et al. The impact of urban gardens on adequate and healthy food: a systematic review. *Public health nutrition*, 21(2), p. 416-425, 2018. DOI: 10.1017/S1368980017002944.
13. GRANT, M. J.; BOOTH, A. A typology of reviews: An analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information & Libraries Journal*, 26(2), p. 91-108, 2009. DOI: 10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x.
14. GRATÃO, L. H. A. et al. Análise situacional das hortas comunitárias do município de Palmas, Tocantins, Brasil: uma visão etnofarmacológica. *REVISTA CEREUS*, 7(2), p. 42, 2015. Recuperado de <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/22>.
15. GUITART, D.; BYRNE, J. A.; PICKERING, C. Past results and future directions in urban community gardens research. *Urban Forestry & Urban Greening*, 2008.
16. KINGSLEY, J. Y.; TOWNSEND, M. 'Dig In' to Social Capital: Community Gardens as Mechanisms for Growing Urban Social Connectedness. *Urban Policy and Research*, 24, p. 525-537, 2006. DOI: 10.1080/0811140601035200.
17. KORTRIGHT, R.; WAKEFIELD, S. Edible backyards: A qualitative study of household food growing and its contributions to food security. *Agriculture and Human Values*, 28(1), p. 39-53, 2011. DOI: 10.1007/s10460-009-9254-1.

- 18.KUO, M.; BROWNING, M. H. E. M.; PENNER, M. L. Do Lessons in Nature Boost Subsequent Classroom Engagement? Refueling Students in Flight. *Frontiers in psychology*, 8, 2253, 2017. DOI: 10.3389/fpsyg.2017.02253.
- 19.LITT, J. S. et al. The influence of social involvement, neighborhood aesthetics, and community garden participation on fruit and vegetable consumption. *American journal of public health*, 101(8), p. 1466–1473, 2011. DOI: 10.2105/AJPH.2010.300111.
- 20.MACINKO, J. et al. A rapid assessment methodology for the evaluation of primary care organization and performance in Brazil. *Health Policy and Planning*, 22(3), p. 167–177, 2007. DOI: 10.1093/heapol/czm008.
- 21.MAROYI, A. Traditional use of medicinal plants in south-central Zimbabwe: Review and perspectives. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 9, 31, 2013. DOI: 10.1186/1746-4269-9-31.
- 22;MICHA, R. et al. Association Between Dietary Factors and Mortality From Heart Disease, Stroke, and Type 2 Diabetes in the United States. *JAMA*, 317(9), p. 912–924, 2017. DOI: 10.1001/jama.2017.0947.
- 23.MONTEIRO, C. A. et al. Increasing consumption of ultra-processed foods and likely impact on human health: evidence from Brazil. *Public health nutrition*, 14(1), p. 5–13, 2011. DOI: 10.1017/S1368980010003241.
- 24.NASR, E. M. B. et al. Hortas Comunitárias nas Unidades de Saúde de São José dos Campos / Community Vegetable Gardens at the Health Care Units of São José dos Campos. *Brazilian Journal of Health Review*, 5(2), p. 6914–6923, 2022. DOI: 10.34119/bjhrv5n2-259.
- 25.OZER, E. J. The effects of school gardens on students and schools: conceptualization and considerations for maximizing healthy development. *Health education & behavior: the official publication of the Society for Public Health Education*, 34(6), p. 846-863, 2007. DOI: 10.1177/1090198106289002.
- 26.PEREIRA LEMOS, M. L. Intervenção social em saúde educativa por meio de horta comunitária urbana em Paragominas – Pará. *P2P E INOVAÇÃO*, 6(2), p. 18–36, 2020. DOI: 10.21721/p2p.2020v6n2.p18-36.
- 27.SALLIS, J. F. et al. Physical activity in relation to urban environments in 14 cities worldwide: a cross-sectional study. *Lancet (London, England)*, 387(10034), p. 2207–2217, 2016. DOI: 10.1016/S0140-6736(15)01284-2.
- 28.STARFIELD, B.; SHI, L.; MACINKO, J. Contribution of primary care to health systems and health. *The Milbank Quarterly*, 83(3), p. 457–502, 2005. DOI: 10.1111/j.1468-0009.2005.00409.x.
- 29.SANTOS, L. S. et al. Agricultura urbana. *Atena Editora*, 2019. DOI: 10.22533/at.ed.5761927051.

- 30.SANTOS, M.; MACHADO, M. C. M. Agricultura Urbana e Periurbana: Segurança Alimentar e Nutricional, comportamento alimentar e transformações sociais em uma horta comunitária. *Segurança Alimentar e Nutricional*, 27, p. 1-20, 2020. DOI: 10.20396/san.v27io.8650689
- 31.SOMMERFELD, A. J.; WALICZEK, T. M.; ZAJICEK, J. M. Growing Minds: Evaluating the Effect of Gardening on Quality of Life and Physical Activity Level of Older Adults. *HortTechnology*, 20(4), p. 705-710, 2010. DOI: 10.21273/HORTTECH.20.4.705.
- 32.SONNINO, R. The new geography of food security. *The Geographical Journal*, 182, p. 190-200, 2016. DOI: 10.1111/geoj.12129.
- 33.TWISS, J. et al. Community gardens: lessons learned from California Healthy Cities and Communities. *American journal of public health*, 93(9), p. 1435-1438, 2003. DOI: 10.2105/ajph.93.9.1435.
- 34.WAKEFIELD, S. et al. Growing urban health: community gardening in South-East Toronto. *Health promotion international*, 22(2), p. 92-101, 2007. DOI: 10.1093/heapro/dam001.
- 35.WORLD HEALTH ORGANIZATION. Diet, nutrition, and the prevention of chronic diseases: Report of a joint WHO/FAO expert consultation, 2003.